



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA-PB
CENTRO DE HUMANIDADES (CH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

EMMANOELEN DE OLIVEIRA GOMES ALVES

**A HISTÓRIA COMO SILÊNCIO: POPULAÇÕES ORIGINÁRIAS EM
*GUIRABIRA?***

**GUARABIRA - PB
2024**

EMMANOELLEN DE OLIVEIRA GOMES ALVES

**A HISTÓRIA COMO SILÊNCIO: POPULAÇÕES ORIGINÁRIAS EM
*GUIRABIRA?***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação Departamento do Curso de licenciatura plena em história da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em história.

Orientadora: Profa Dra. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA - PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474h Alves, Emmanoelen de Oliveira Gomes.

A história como silêncio [manuscrito] : populações originárias em Guiraobira? / Emmanoelen de Oliveira Gomes Alves. - 2024.

22 f. : il.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH".

1. Guiraobira-Guarabira. 2. Originários. 3. Potiguaras. I. Título

21. ed. CDD 981.33

EMMANOELLEN DE OLIVEIRA GOMES ALVES

A história como silêncio: populações originárias em *Guiraobira*?

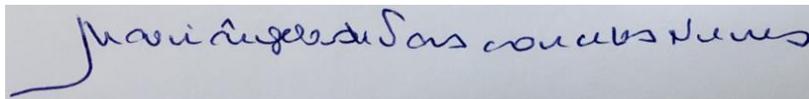
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em história.

Aprovada em: 14/11/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Mariângela Nunes Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, mãe, irmãos, padrasto e marido por todo apoio e incentivo, me fazendo permanecer firme ao longo da caminhada pelo curso. Em especial, com o coração cheio de saudade, ao meu pai que, embora não esteja mais presente fisicamente, continua a ser minha maior inspiração.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a todos que de alguma forma favoreceram à minha trajetória até a realização desta etapa final do curso. Gratidão a todos os docentes que deixaram uma contribuição especial durante meu processo de formação se tornando indispensáveis em cada etapa. Cada ensinamento, aprendizado, estará guardado na memória e será repassado com carinho para os alunos que surgirem ao longo do meu caminho.

Ao meu eu do passado, por não ter desistido apesar de todos os obstáculos, e pela força em conseguir enfrentá-los, conseguindo conquistar e vivenciar coisas inimagináveis. Assim, agradecendo de uma forma saudosa ao meu pai, que mesmo não estando presente em pessoa, tenho certeza o quão feliz ficaria ao meu lado vendo a sua menininha se graduar.

Gratidão à minha família, mãe, padrasto, irmãos, cada incentivo e apoio prestado foi essencial para me manter forte e centrada em todo percurso da licenciatura. À minha mãe, Silvane, por ser a minha inspiração/influência não só na vida, mas também no ramo da docência, e sempre me mostrar que independente de tudo precisamos ter força e garra para enfrentar as ações repentinas da vida, gratidão por sempre ser a minha força. Ao meu padrasto Guilherme, por exercer uma função tão importante em minha vida, e nunca deixar de evidenciar para mim a quão forte e dedicada eu sou, e por nunca ter desistido de construir uma relação de pai e filha comigo, gratidão por tudo. Aos meus irmãos, Emmaely e Wedson, por cada carinho prestado quando necessário, cuidado ou apoio, vocês são indispensáveis na minha vida e foram também na minha construção acadêmica.

Ao meu amado esposo Jhuan, gratidão especialmente para você que vivenciou toda parte do meu processo de formação acadêmica, desde as primeiras aulas até o andamento deste trabalho de conclusão. Você é uma peça fundamental para a minha formação, cada ajuda, abraço, palavras de incentivo, cada lágrima minha enxugada, paciência, compreensão e sempre fazendo questão de lembrar a quão dedicada e merecedora eu sou, além de sempre evidenciar mesmo quando não acredito. Obrigada por ser quem és, e por estar sempre presente em minha vida.

Aos amigos que construí ao longo do curso, e por todos que passaram em minha vida e se fizeram presentes na minha construção não só acadêmica, mas

também como indivíduo. Gratidão por todo apoio prestado e incentivos de maneira direta e indireta.

Em especial a minha querida orientadora/professora Susel, uma peça-chave para a formação não só deste trabalho, mas também na minha construção como docente, és uma inspiração para mim e guardarei cada aula, conselho, em minha memória. Admiro a pessoa e professora que és, e sou grata por ter aceitado partilhar comigo a construção deste projeto.

Assim, concluo agradecendo mais uma vez a todos que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram de alguma forma, além de todos os outros que torcem pelo meu sucesso. E por fim, agradecer a mim mesma por toda perseverança conseguindo chegar a essa etapa tão importante, e, portanto, conseguir elaborar esse trabalho representa o resultado da insistência e em não desistir.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Fotografias do mapa para analisar a localidade da etnia *guiraobira* ... 16
- Figura 2 – Documento - busca por originários..... 19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 “IDENTIDADE PERDIDA”: APAGAMENTO HISTÓRICO	13
3 GUIRAOBIRA: A “MORADA DAS GARÇAS OU GARÇAS AZUIS”	15
4 MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E ETNOGENOCÍDIO	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	22

“A HISTÓRIA COMO SILÊNCIO: POPULAÇÕES ORIGINÁRIAS EM GUIRAOBIRA?”

“HISTORY AS SILENCE: ORIGINAL POPULATIONS IN GUIRAOBIRA?”

Emmanoelen de Oliveira Gomes Alves

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o intuito abordar e compreender a respeito da história do município de Guarabira, em específico retratar sobre os primeiros habitantes desta atual região, os Potiguaras advindos da etnia conhecida por *Guiraobira*, e, assim, assimilar as possíveis eventualidades que ocasionaram na sua saída do território, acarretando problemáticas atuais, como o esquecimento de suas participações na formulação étnica-social para a cidade. Assim, a ideia é de que esse trabalho colabore no processo de assimilação a respeito da participação dos originários no processo de formação da localidade e buscar evidenciar a importância de conhecer sobre a historicidade local para que, portanto, não persistam as histórias sendo narradas apenas por um grupo social, silenciando os demais grupos existentes. Assim, durante o trabalho serão abordados os teóricos: Moacir Melo (1999); Nonato Nunes (2015); Eliane Potiguara (2019); Flávia Schilling (2003); Tânia Swain (1997); Jeanne Marie (2010); Geni Núñnes (2022)

Palavras-Chave: *Guiraobira*-Guarabira; Originários;Potiguaras.

ABSTRACT

This work was carried out with the aim of approaching and understanding the history of the municipality of Guarabira, specifically portraying the first inhabitants of this current region, the Potiguaras, coming from the ethnic group known as *Guiraobira*, and thus assimilating the possible eventualities that caused their departure from the territory, resulting in current problems such as: Forgetting their participation in the ethnic-social formulation for the city. Thus, the idea is that this work collaborates in the process of assimilation regarding the participation of the original people in the process of formation of the locality and seeks to highlight the importance of knowing about local historicity so that, therefore, stories do not persist being narrated only by a social group, silencing other existing groups. Thus, during the work the following theorists will be addressed: Moacir Melo (1999); Nonato Nunes (2015); Eliane Potiguara (2019); Flávia Schilling (2003); Tânia Swain (1997); Jeanne Marie (2010); Geni Núñnes (2022)

Keywords: *Guiraobira*-Guarabira; Originating;Potiguaras

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa inicia-se com a ideia de buscar conhecimento sobre os conceitos e consequências derivadas do contexto histórico da colonização do Brasil e como esse evento modificou os espaços socioculturais da região. Assim, instituindo um olhar crítico decorrente desse processo histórico para o estado da Paraíba localizado na região do Nordeste, abrangendo uma noção mais perspicaz a sua microrregião: a atual cidade de Guarabira.

O processo de colonização na região da Paraíba, se deu pela invasão dos europeus, com as conquistas das terras ou regiões que já estavam ocupadas pelos povos originários. O período histórico-cultural da colonização estabeleceu como herança diversas problemáticas sociais, ao qual um dos pontos mais recorrentes foi a formulação da subdivisão dos indivíduos em dois pólos: os dominados e os dominantes. Os grupos dominantes exercem e excederam dos seus poderes e influência para devastar e dizimar com os dominados: num primeiro momento da colonização, o etnogenocídio das inúmeras populações originárias e, mais tarde, a violência da escravização dos africanos, a propagação e normalização desse ideário acarretou apropriações culturais, territoriais e religiosas dos povos. Nomeando-se como “civilizadores”, os colonizadores justificaram suas invasões e novos domínios, perpetrando não apenas um genocídio físico, mas cultural (de línguas, costumes, organizações sociais) das populações originárias.

Assim, a ausência de vestígios desses grupos dominados (Originários), torna-se uma recorrência na contemporaneidade da atual cidade de Guarabira, visto que a história desses povos foi sendo silenciada com o decorrer do tempo, e as suas memórias foram submergidas em seus contextos socioculturais. A partir disso, é válido ressaltar e questionar as carências historiográficas desses indivíduos em seu próprio território, ao qual só restam apenas breves menções no início da formação social da cidade no século XVI com os povos Potiguaras, e nas proximidades com os Tupis-Guaranis, Tabajaras e suas disputas por permanência em seus territórios. Cabe, portanto, o questionamento: o que ocasionou a saída desses povos do território?

Pelo pouco apresentado, não se diferencia do contexto abordado anteriormente, com a invasão dos europeus as tomadas dos espaços tornaram-se recorrente, ao que já foi mencionado alguns grupos acabavam sendo obrigados a deixarem seus locais e irem em busca de outros meios para a sua sobrevivência. Ademais, quais as memórias deixadas por esses grupos em seu território? Diante dessas e outras diversas indagações a respeito desses povos, permanecem até o século XXI, sendo possível notar que o processo de colonização foi semelhante ao de outros territórios. Outrossim, o que não se distancia das outras comunidades indígenas, é que esses povos tiveram seus territórios, e principalmente suas histórias roubadas durante a apropriação colonial.

Sobre as questões socioculturais, nota-se um questionamento sobre os modelos de subjetividades existentes e os quais são viabilizados dentro de uma comunidade. Portanto, com todos os quesitos sobre as diferenças de classes e culturas, a consolidação de umas “superiores” a outras pode causar o esvaziamento das outras representatividades. Além disso, é de suma relevância interpretar que a ausência dos povos originários nos registros necessita de uma visibilidade não só de uma forma generalizada em seus territórios mais vastos, mas também nas microrregiões. Explorar a ausência dos povos originários e suas culturas na cidade de

Guarabira tornou-se relevante devido às influências dos grupos que possuem mais visibilidade social, e como perpetuam essa visão, e as continuam lembrando na atual cidade como os seres “civilizadores”. Logo, em minha particularidade como moradora da cidade de Guarabira, não houve nenhum ensinamento sobre sua história local voltada para os povos indígenas, e tudo que é pontuado são as construções religiosas, territoriais, políticas das classes dominantes que se instalaram na cidade e perpetuaram as suas histórias e culturas até os dias atuais. A pesquisa em busca dos grupos originários levou ao ponto que já foi citado anteriormente, que é o de dificuldade devido suas menções serem breves, ou até mesmo de não possuir vastas referências de textos bibliográficos descritos, devido a alguns autores relatarem lacunas historiográficas. Além do mais, não observar esses ensinamentos dentro dos próprios âmbitos estudantis, gera uma percepção de que as histórias locais porventura são escanteadas e quando abordadas são para destacar a ideia de civilização como algo vantajoso e necessário para a cidade.

Analogamente, um dos nomes indispensáveis para estudar e compreender relatos das dificuldades e empecilhos impostos aos povos originários é Eliane Potiguara, a qual em sua obra *Metade cara, metade máscara (2004)*, designa a equivalência necessária que deve ser reconhecida aos povos originários, validando suas lutas, conquistas e dificuldades. A obra bibliográfica será remetida para buscar compreender os questionamentos das ausências dos povos originários no espaço da cidade de Guarabira, além de outros autores que destacam a história local.

Outro ponto importante é: além de todas as devastações e invasões territoriais, apagamentos de suas culturas, costumes, os povos que repudiam as ações colonizadoras e tentavam resistir eram marcados como “os rebeldes”, e a imagem digna dos colonizadores como civilizadores se perpetua. No cenário da construção social de Guarabira não foi diferente, como percebemos nesse relato que coloca os coloca como “selvagens” e os colonizadores como pacíficos:

Nessa região, o Pe. Espanhol Jesuíta Gaspar Sampere era engenheiro e arquiteto, especialista em fortificações militares. Este viajara a pé com a finalidade de pacificação Potiguar, desarmado, apenas portava uma couraça da fé, transformando os valentes e rebeldes selvagens em ovelhas mansas e fiéis. Como os outros Jesuítas, este veio só em missão de paz. (Lucena, 2008, p.2)

Por consequência, é indiscutível como as consequências da ausência respectiva a um grupo, acarreta o meio social principalmente no ato de produzir uma construção de identidade das histórias passadas. Dessa maneira, a partir do que foi discutido, é de extrema importância a busca por manter os olhares como sujeitos em torno de outros sujeitos que tiveram as suas histórias silenciadas e a partir disso manter um conceito investigativo sobre as nossas histórias, e como as narrativas historiográficas foram sofrendo distintas modificações ao longo das temporalidades, com o intuito muitas vezes em priorizar determinados grupos específicos. E nesse quesito, compreender as dinâmicas do passado que refletem de maneira direta a continuidade do etnogenocídio das populações originárias na contemporaneidade.

Em termos estruturais, a presente pesquisa apresenta, além desta Introdução, uma discussão sobre o apagamento histórico e perda da identidade na segunda seção. Já na terceira seção há uma explanação sobre a origem do termo “*Guiraobira*”. Na quarta seção é discutida a relação entre os conceitos de memória, esquecimento e etnogenocídio. Por fim, são tecidas as considerações finais, quem compõem uma conclusão da discussão.

2 “IDENTIDADE PERDIDA”: APAGAMENTO HISTÓRICO

Desde o passado até os dias atuais, o território e a cultura indígenas têm sido linhas mestras de determinação para a sustentação de um povo. Quando dizemos “território”, não estamos simplificando o termo para algo simples e final; estamos expandindo o termo para algo mais digno no que se refere aos direitos dos povos indígenas. Um território não é apenas um pedaço ou vastidão de terras. Um território traz marcas de séculos, de culturas, de tradições, é um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que propõem e legitimam a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade. (Potiguara, 2004, p. 119)

A priori, o termo colonização já apresenta uma formação sócio-estrutural muito marcante e todas as suas conjunturas estão presentes em diversos meios sociais e nas suas diversidades no âmbito das políticas públicas, portanto esse cenário acaba viabilizando mais uma vez o local de fala junto a subjetividade dos colonizadores como ideal a ser seguida e perpetuada como uma memória coletiva. A luta dos povos indígenas para se retirar do local do “Outro” devido a construção social colonial, e enfatizar o seu local de fala é de suma importância. Nota-se que isso não ocorreu na cidade de Guarabira, em que um dos pontos fortes da cidade que é a sua nomenclatura atualmente ser aceita por fazer referência a originalidade Tupi, - Guarabira (Morada das garças).

“Esse tipo de violência e racismo e a migração dos povos indígenas de suas áreas tradicionais merecem estudos, pois essas situações não têm visibilidade no país” (Potiguara, 2004, p.24). A partir disso, é indispensável retomar o questionamento voltado para a necessidade forçada que os povos indígenas tiveram que passar para retirar-se dos territórios que já haviam formulados suas raízes e comunidades para “suprir” a dominação dos colonizadores, seja por meio das violências pelos povos não acharem outras alternativas ou por fuga para evitá-las. Além disso, debater como a construção do imaginário voltado para os originários como um povo sem civilização, atrasados, sem modernização (visão ocidental do moderno), influencia no esquecimento constante desses povos, nas ausências das suas perspectivas e subjetividades. Analogamente, todos esses quesitos permitem fixar uma eliminação nas historicidades desses grupos devido às dificuldades para se aprofundar em seus relatos, hábitos e documentariedades aos seus respeitos, executado pelos colonizadores para realizar uma noção eficaz no processo de exclusão dos mesmos. Consequentemente, toda busca por extinguir uma comunidade irá gerar uma busca de resistência e resiliência representados por meios de expressões literárias, culturais, para manter um rastreamento de suas identidades e a persistência de mantê-la viva em coerência da existência e lutas dos povos dominados.

O ponto marcante que faz colaborar cada vez mais para perdurar o conhecimento colonial e fortalecimento dos esquecimentos é sempre repercutir a contação de história pela visão do grupo dominante acima do grupo dominado. Esse conceito histórico “de cima para baixo” os povos marginalizados tentam a todo custo trazer as suas vivências aos meios que estão inseridos, algo difícil e trabalhoso principalmente quando se tem os empecilhos de dominação e apropriação por tanto tempo. Como diz Eliane Potiguara:

O sistema político, que deveria garantir o direito territorial dos povos indígenas, a preservação cultural e sua dignidade, nada faz. Entra governo e sai governo e as terras indígenas não são priorizadas, tampouco os direitos constitucionais e imemoriais desses povos são consideradas [...]” (Potiguara, 2004, p.31)

A perspectiva citada acima é um ideário para as civilizações, e a até mesmo para a própria cidade de Guarabira, percebendo que as memórias dos povos originários são “escolhidas” periodicamente permanecer no “esquecimento” a cada vez que priorizam as contações de histórias dos grupos dominantes e as suas políticas socioculturais, devido às suas condições de privilégios internamente na sociedade. Além disso, em contrapartida com a historicidade dos povos indígenas é notória a facilidade para encontrar os relatos dos grupos dominantes a respeito da formação da área urbana e propagar a utopia dos conquistadores como bons civilizadores, devido aos numerosos acervos documentais e bibliográficos sobre eles.

As saídas forçadas dos indígenas de seus territórios é uma das questões mais debatidas na contemporaneidade, que reflete a retirada das terras desses povos por uma questão de apropriação e dominação, e depois não ocorre a devolução para eles, pelo contrário ocorre a mineração dos saberes indígenas e de todas as suas origens culturais. “As razões de violências são caracterizadas sempre da mesma forma. As razões são as mesmas, o espírito de dominação do homem pelo homem é o mesmo, passado gerações, séculos enfim...” (Potiguara, 2004, p. 45).

O indígena guarabirense teve sua história, cultura, pesquisas, conhecimentos, dentre outras variedades de atributos pertencentes a sua história esvaído durante a sua construção, este tópico é visível dentro do seu território, quando a busca pelas histórias das populações originárias demandam um tempo e carências historiográficas em seus âmbitos públicos responsáveis, entretanto, ao ir em busca das pessoas pertencentes a uma classe dominante as suas informações acabam se tornando superfaturadas, ou seja o apagamento de um grupo existe e ele é de forma tão natural que não é levantado pelos próprios moradores como uma problemática a ser orientada e corrigida, apenas é consolidada em sua maioria como uma ideia de: “Eles existiram aqui nesse território?”. Isso reflete a “identidade perdida”:

IDENTIDADE PERDIDA:

Amanhã é o último dia que venho aqui
 Vou prestar as contas
 Vou tirar essas roupas sujas
 E vou lavar minha alma
 Acho que vou ser feliz
 Ou então vou viver na inércia da própria existência.
 (Potiguara, 2004, p.61)

A identidade perdida reflete de uma maneira “grotesca” um dos fatores causados pela colonização: o imperialismo ocidental, e como não desconstruir esses processos (descolonizar) as ideias podem vigorar cada vez mais para uma comunidade, e uma memória coletiva a permanecer no imaginário do esquecimento. Como afirma Nélia Lucena, o “processo de povoamento levou à expulsão e dizimação das aldeias indígenas e quando do convívio com estas daí surgiam os núcleos coloniais de primeira ordem” (Lucena, 2008, p.1).

Os deslocamentos e migrações forçadas dessas comunidades devido às invasões dos colonizadores, ou quaisquer outros motivos a fim de buscar melhores oportunidades de terras ou benefícios que fossem favoráveis para as suas expansões

econômicas não foi diferente nos âmbito urbano de Guarabira, visto que diversos povos potiguaras aos que representavam a maioria dos originários no território, tiveram as suas terras invadidas e divididas em capitâneas para suprir a necessidade da classe reinante, além de perceber que para conseguirem manter seus costumes vivos tiveram que buscar novos lugares nas proximidades regionais da cidade. Por conseguinte, ao estabelecer um estudo sobre a existência dos sujeitos indígenas no contexto histórico do município, é de suma importância identificá-los como sujeitos donos de histórias e não apenas o “Outro” que teve sua história silenciada.

3 GUIRABIRA: A “MORADA DAS GARÇAS OU GARÇAS AZUIS”

A princípio, diante uma análise estudada a respeito da historicidade do atual município urbano Guarabira - PB, pode-se observar os elementos apresentados por Nonato Nunes (2015) no seu livro *Guarabira 1603-1887 Missão, vila cidade* apresenta como as linhagens e grupos potiguaras são importantes para a construção da sua história. Além dos potiguaras, aborda-se fatores para os interesses crescentes nessa localidade, diante disso, relata o fato da mesma estar localizada onde anteriormente era conhecida as serras de Copaoba: - atualmente equivalentes às terras desde Alagoa Grande/PB até Serra da Raiz//PB, ao qual Guarabira é centralizada. A partir desse conhecimento, foi possível observar uma relação entre a serra com a atual Guarabira, visto que, ao estudar sobre esses pontos destacam a existência de uma etnia conhecida como “*Guiraobira*” que habitavam essa terra onde está o atual município, fazendo referência direta aos seus primeiros habitantes, a derivação e construção deste nome deriva-se da denominação do líder (o indivíduo mais velho da etnia), favorecendo diretamente a formulação da denominação atual da cidade. Entretanto, ao abordar sobre qual o significado mais relevante e conhecido do nome destaca-se o que já foi mencionado de antemão como: “morada das garças”.

A construção apontada por Nonato Nunes (2015) enfatiza o fato da nomenclatura Guarabira ser uma referência direta à etnia citada anteriormente “*Guriaobira*”. Entretanto, outros estudiosos vão pontos surgem para remapear a nomenclatura até fazer uma relação de formação na consolidação dos significados mais aceitos atualmente, assim destaca-se a obra *Itinerário histórico de Guarabira* por Moacir Camelo de Melo (1999) a utilização da linguagem tupi para poder representar diretamente um significado ao nome, ao invés de somente evidenciar a sua derivação dos povos *Guiraobiras*.

Ao que se supõe, a denominação antiga era GUIRABIRA. Pedro Batista decompõe o topônimo assim: **Guira** - pássaro; **O** - elevado, grande, monte; e **Bira** - árvore, madeira. A topografia da cidade, entre morros, terá provavelmente influído na sua denominação, por onde se evidencia aquele “o”, entre os étimos Guira e Bira, não estão ali somente para atrapalhar. Outros explicam: **GUARÁ-PIRÁ** - pássaros que come peixe; **GUARÁ-BI** - rio dos pássaros; e **GUARÁ-IBIRÁ** - mato das raposas (Melo, 1999, p. 63).

A partir da breve explicação citada acima, outras questões são discutidas por Melo (1999, p. 64-65) em sua obra a respeito da nomenclatura urbana:

Dentre os estudiosos da toponímia de diversos lugares da Paraíba, o ilustre padre Luiz Santiago, tem a sua proeminência. Em artigos magistrais de profundo conhecimento do tupi, há o sacerdote ensejando-nos a conhecer a terminologia de vários nomes advindos do tupi. Sobre Guarabira ele assim se

expressa: Guarabira na língua tupi-guarani quer dizer - **Guara-pora ou bira** - pospositivo nominal indicando “moradia”. **Guarabira** ou **Guarapora** : **“moradia dos Guarás** “ Comentando ainda diz o padre Santiago: “Guarabira lembra o aparato faustoso das nossas garças azuis que naquela terra tinha o seu berço. O que hoje vale dizer: Berço das garças azuis.

Moradia das garças ou das “garças azuis” segundo o padre citado pelo autor acima que teve sua cartografia registrada no ano de 1647, segundo as imagens a seguir:

Figura 1 - Fotografias do mapa para analisar a localidade da etnia *guiraobira*



Fonte: Marcgrave (1647)

Mas esses registros caíram no esquecimento e hoje não sabemos o porquê da “morada das garças”. Em seu lugar, os nomes dos “colonizadores”. Nonato Nunes (2015) relata como as condições abordadas pela serra da Copaoba e seus habitantes são descritas por nomes importantes, tais como: Georg Marcgrave (Criador do mapa destacado anteriormente) e Elias Herckmans. Ambos, ao passar por essas localidades vão destacando importantes pontos das regiões, seus habitantes, clima, povos que apresentam poder territorial e de domínios. Diante as suas abordagens, vão situando que os povos que por ali habitavam em sua maioria buscavam regiões próximas aos rios/mares para melhores condições de vida, entretanto, não se sabe ao certo, portanto, o motivo da etnia *Guiraobira* se ter instalado por lá devido sua proximidade não estar tão ligada a esses pontos fluviais.

Ademais, o conhecimento histórico do atual centro urbano é repleto de lacunas, pois as identificações históricas são processos trabalhosos essencialmente ao abordar a respeito da existência/vivências dos povos indígenas no território. A respeito disso, é válido destacar que persiste um questionamento a respeito do que ocorreu com os povos pertencentes a etnia do *Guiraobira*, uma vez que o que aborda-se são apenas teorias do que pode ter causado a saída dos mesmos para outras regiões, mas não há, até o momento, uma resposta conclusiva.

Acerca disso, em sua obra, Nonato Nunes (2015) destaca 3 suposições: 1) a busca por melhores condições de vida, devido às grandes estiagens presentes do território junto a busca por lugares mais propícios em torno das atividades para a sua sobrevivência entre outras regiões, pois “a dita estiagem, registrada por Elias Herckmans na sua descrição, teria sido a razão pela qual aquele chefe tribal, para não ver o seu povo perecer de fome e sede, decidira buscar um ambiente mais propício à sobrevivência de todos” (Nunes. 2015, p.68). 2) a dominação dos territórios por um

indivíduo muito importante para o período e toda construção histórica da cidade, citando a figura de Duarte Gomes, que se instala e domina a maior parte do território, os povos das etnias que viviam nas proximidades eram submetidos as funções de trabalhadores nas suas amplas construções pela cidade. Além de outros nomes colonizadores que vão surgindo e emergindo cada vez mais com o passar dos anos, ampliando as suas grandes construções, e por fim as remoções desses povos para outras regiões após o encerramento do domínio franciscano. 3) As ordens franciscanas persistiram no Brasil durante o seu período colonial exercendo ações de catequização e formação de escolas, além de outros pontos importantes, junto às elites locais utilizavam as forças dos trabalhos braçais dos povos indígenas:

As missões religiosas não exerciam apenas papel de catequizadores. Eram elas, com ênfase para a ordem franciscana, que forneciam, por consentimento, o braço trabalhador indígena para lavoura, para guerra e para as construções. Duarte Gomes já havia se beneficiado dos bons préstimos dos índios na construção da casa forte, da cerca, das casas de morada, e ainda na agricultura, com o cultivo da cana-de-açúcar e de outras culturas. (Nunes, 2015, p.70)

Logo, Nonato Nunes (2015) aborda que a etnia dos *Guiraobiras* estava sob influência dessa ordem, ao qual posteriormente ocorreu o encerramento. Entretanto, não se obtém comprovações exatas que os tenham feito de trabalhadores, mas diante as ações discutidas acredita-se que como estavam sob domínio franciscano, tais ações ocorreram com os mesmos. Ainda mais, a partir desse ideário a cidade de Guarabira, vai emergir diante as margens territoriais dos domínios: Duarte Gomes. Como já foi citado, o mesmo detinha amplitudes em aquisições de poder territorial e dominação, acarretando diretamente em utilizar disso para conseguir cada vez mais priorizar seu controle. Assim, diante disso, as suas vantagens sociais o fizeram caracterizar a dinâmica do “bom fundador” e enfatizar a problemática em torno desse processo. Após a conquista dos territórios da serra da Copaoba pertencentes a atual Guarabira pelo mesmo durante o século XVI, as atividades exercidas por ele apresentavam bastante força e conhecimento pelas outras pessoas de cargos importantes coloniais, e por essa razão é nomeado “Capitão-mor” dessas terras e também mencionado por outros ao longo da história como o “Marquês da Copaoba”.

Diante os pontos apresentados, é de suma importância destacar um olhar crítico de historiadora em torno das abordagens utilizadas ao contar a história do processo de formação da cidade de Guarabira, pois, nota-se uma negligência ao perpetuar as contações/estudos apenas notificando uma parte social, a parte dos povos pertencentes às classes de maior influência e como recorrente as manifestações históricas a classe dominada repercute sendo desprezadas. Além disso, nota-se como esse processo de apagamento étnico influenciou nas criações de lacunas no processo histórico, e mesmo com as tentativas de retomar alguns pontos/fatos não é possível devido à escassez bibliográfica.

4. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E ETNOGENOCÍDIO

Ao refletir sobre memória e resistência ou a construção da memória como resistência, Flávia Schilling (2003) propõe o conceito de memória coletiva com um grande quebra-cabeça:

Pensar em memória como se fosse um quebra-cabeça, pensar em memória constituída por peças, por fragmentos e por pedaços, como um quebra-cabeça. Cada um de nós contribui com um pedaço, com um fragmento, e esse é um dado muito interessante. (Schilling, 2003. p.143)

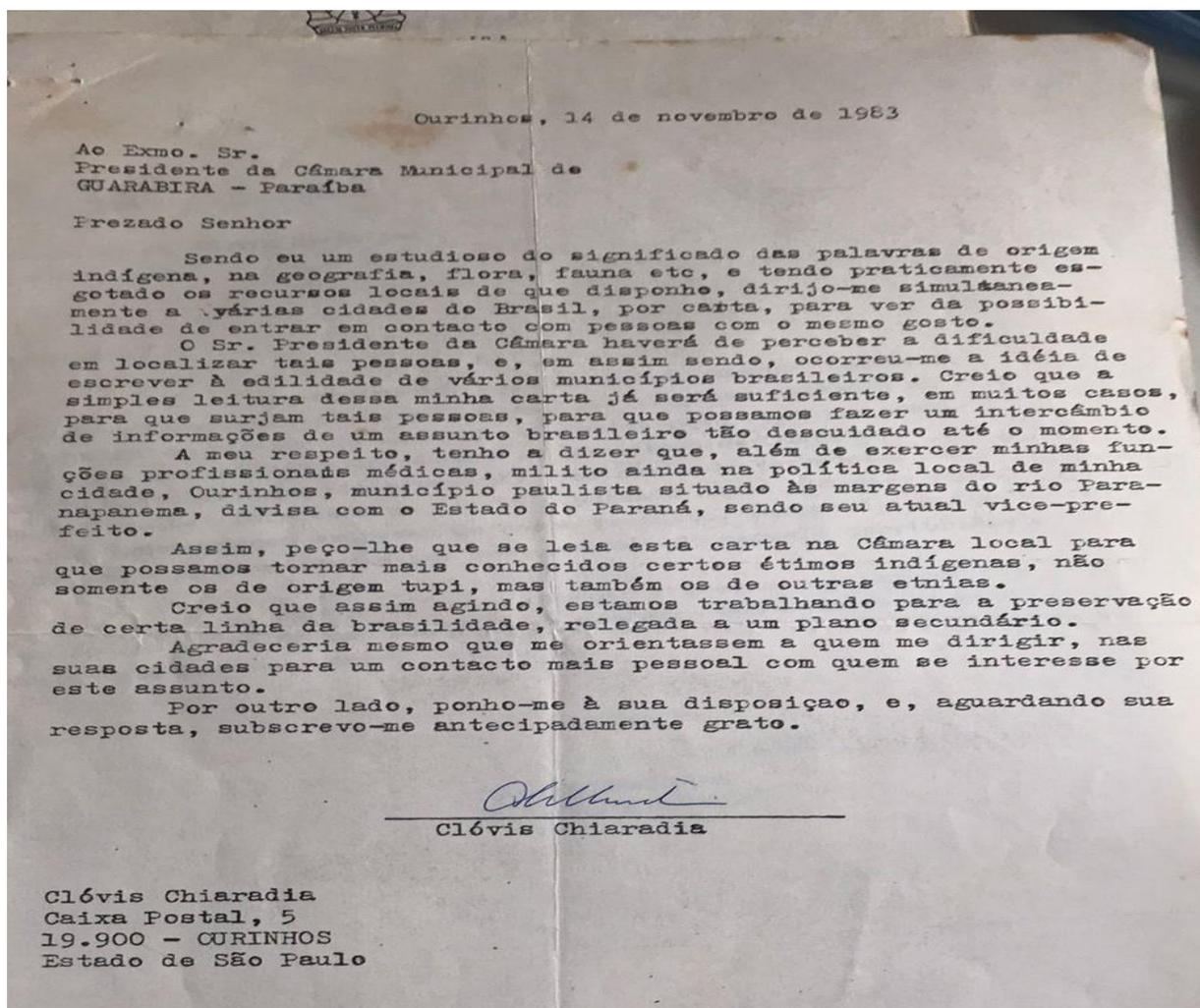
Abordar a construção da memória como um quebra-cabeça ao qual cada indivíduo ou grupo social de diferentes povos, etnias, culturas vão produzir e apresentar suas peças e fragmentos baseados nas suas vivências, costumes e aprendizados para assim conseguir obter um resultado final na formulação da construção de uma memória (quebra-cabeça completo) temos, de fato, uma perspectiva mais coletiva. O que não aconteceu na estruturação da memória da cidade de Guarabira. Como argumentado até aqui, nota-se as ausências de fragmentos (peças) para construir a finalização do “quebra-cabeça” pois, os fragmentos impostos pelos grupos sociais que foram reprimidos ou submergidos não irão caracterizar o papel fundamental e evidenciam cada vez mais uma perspectiva unilateral dominadora de imposição do esquecimento, de uma memória única, conforme discute Jeanne Marie Gagnebin (2010, p. 179): “impor um esquecimento significa, paradoxalmente, impor uma única maneira de lembrar - portanto um não lembrar, “uma memória impedida”.

Logo, a partir desse trecho evidencia-se que as memórias desses povos que são mencionados apenas em breves momentos da história guarabireense se inserem nos propósitos das memórias impedidas, pois, com o passar dos anos outros grupos dominadores foram sendo lembrados pela perspectiva e óptica da “história vista de cima” e erroneamente atribuída em alguns casos como única e verdadeira. Assim, a etnia *Guiraobira* foi sendo esquecida com o passar do tempo, ocasionando uma seletividade na memória local da cidade. E esse preço é alto:

O preço do silêncio imposto a respeito do passado não é “só” a dor dos sobreviventes: também se paga por nossa resignação e impotência. Urge passar da resignação não só a indignação, mas a uma resistência efetiva, sem ressentimento, mas com a tenacidade e a vivacidade da vida (Gagnebin, 2010. p.186).

Logo, ao conhecer e indagar a respeito das questões apresentadas sobre os povos originários na construção histórica-social do município de Guarabira relata o impacto que o silêncio e omissão desse povo se propaga, e induzir o questionamento pela busca desses grupos com o intuito de conduzir uma perspectiva de ressignificação histórica.

Figura 2 - Documento - busca por originários



Fonte: Foto autoral

Ao prevalecer o contexto sobre o esquecimento, desencadeiam séries de questionamentos, pois, seja ele voluntário ou não ele existe e persiste na contemporaneidade e pode ser usada como uma maneira de perpetuar a dinâmica de uma história única por uma perspectiva unilateral de um grupo social (sujeito) sob outro. Em suma, a história/memória é evidenciada como uma maneira de resistência que juntas lutam para trazer à tona métodos, povos e dentre outros polos que tinham como pressuposto não ser lembrado. Assim, a memória de um povo é “escolhida” diariamente quando propagadas no cotidiano ou nos ensinamentos bibliográficos, enquanto as demais quando esquecidas ou não “remanejadas” corretamente não conseguem ser usadas ou lembradas como meios de estudos, gerando fatores de exclusão social.

Ao questionar sobre as relações históricas e a funcionalidade da memória destaca-se Tânia Swain com sua obra: *A construção Imaginária da história e dos gêneros: O Brasil no século XVI*, em que discute que “a história também é memória, o cadinho da identidade dos povos e sua dimensão política, fundada sobre a autoridade da tradição, constrói certas relações sociais como sendo inevitáveis” (Swain, s.d).

Ao retomar as memórias históricas desde o período colonial até o mundo atual em escala regional brasileira se retoma e perpetua uma presença muito forte do conceito do “etnogenocídio” destacado pela superioridade de um povo colonizador sob as outras etnias, acarretando na tentativa e em alguns casos efetuam o apagamento dos grupos étnicos. Logo, esses processos de superioridade e homogeneização se explanaram por todo contexto brasileiro, ao analisar diversos grupos étnicos que sofrem dia após dia em permanecer vivos e representar as suas histórias/memórias para indiciar uma tentativa de descolonizar não só o contexto social mas todos os meios de influências. Assim, destaca-se de acordo com Geni Núñez alguns conhecimentos a respeito do etnogenocídio, ao qual destaca que “etnogenocídio é um tipo de violência colonial assente no esforço de homogeneização. Ele incide precisamente sobre a multiplicidade e singularidade de cada povo, cada etnia, cada nação nativa de determinado território” (Núñez, 2022, p. 56).

Portanto, o etnogenocídio atua na maneira de impor diretrizes coloniais, revogando as singularidades dos outros grupos étnicos existentes além das suas representatividades de organizações sociais e todas as conjunturas para que se rendam a uma perspectiva homogeneizada. Ademais, o “etnogenocídio visa impedir que pessoas indígenas sejam o que somos, em nossas diferenças internas, em nossos modos de vida e pensamento para sermos apenas “brasileiros”” (Núñez, 2022, p. 57).

Além das abordagens presentes, ao observar sobre os empecilhos representados pelo etnocídio deixados pela formação do período colonial é possível notar a existência de estereótipos impostos aos povos indígenas para poder terem seus “direitos e identidade” reconhecidas, ou seja, para serem reconhecidos como indígenas os mesmos deveriam apresentar características definidas pelos colonos em sua maioria, e atribuir o termo utilizado como “cara de índio”.

Alguns dos principais eixos do etnogenocídio contra povos indígenas, foram eles: a) da exigência de habitação em terra demarcada; b) da exigência do falar a língua indígena; c) da exigência da aparência física correspondente ao estereótipo colonial da “cara de índio” e d) do paradoxo da descendência e a produção do pardo (Núñez, 2022, p. 113)

Logo, ao analisar o etnocídio vale ressaltar que as suas causas levam a ocasionar diversas consequências sociais presentes desde a colonização até a contemporaneidade, devido às imposições e ataques constantes vivenciados pelos povos indígenas e sua cultura. Ao compreender a respeito do que foi imposto a esses povos, em sua maioria como uma forma não pacífica, é tolerante entender como é difícil buscar e manter diante de toda óptica colonial as verdadeiras identidades desses povos, além das histórias, memórias e vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história surge como uma ciência que se pressupõe a analisar relatos, fatos, vivências e questionamentos a respeito de diferentes povos, temporalidades e cultura. Portanto, ao possibilitar esses estudos junto às buscas por historiografias mostra a relevância mais comum em conhecer, buscar, debater sobre esses povos que já passaram para buscar manter as suas histórias vivas ao longo do tempo, e, assim, manter o vínculo com o passado com o intuito de entender as dinâmicas do presente e apreciar suas heranças sendo repassadas ao longo dos anos. Ao debater sobre a

função do historiador na sociedade é relevante pontuar a sua importância devido a constante tentativa de manter e buscar diferentes maneiras de conhecimentos sobre as culturas, principalmente as que tinha como indício permanecer nas sombras do passado, entretanto, a atitude histórica persiste, e as torna visivelmente importantes nos estudos presentes.

Portanto, baseado na problematização da contextualização histórica de formação da identidade cultural dos indivíduos guarabirenses nota-se as tentativas dos historiadores apresentados anteriormente em construir essa identificação, para conseguir consolidar as subjetividades que existiram e existem no território, contudo, são barradas devido às lacunas historiográficas presentes em partes da história local. A partir desse contexto, inserindo a visão histórica para o polo urbano de Guarabira desperta-se um interesse em buscar sobre suas ancestralidades de uma forma resumida para compreender um pouco sobre os povos que habitaram durante o seu processo de colonização/formação, os povos que chegaram e firmaram suas raízes, construções e história.

A partir das ações discutidas, enfatiza-se o teor de memória e esquecimento durante a estruturação da cidade, visto que, diferentes etnias habitaram essa região em específico a de GUIRAOBIRA, e com o passar do tempo foram sendo deixadas apenas a mercê dos poucos contextos históricos que os mencionam, sem buscar representar os mesmos atualmente, devido também que pouco se sabe a respeito dos mesmos. Portanto, a abordagem do trabalho surge com o intuito de pontuar a existência e participação desse povo de maneira direta ou indireta na construção social urbana, além de enfatizar os questionamentos sobre o lugar do “Sujeito” e do “Outro” que representa uma linha tênue no processo da composição dos indivíduos da cidade.

Sobre o questionamento ético, a colonização e seu legado histórico é contínuo os povos originários lutam até os dias atuais para romper com teores impostos sobre e sob eles desde a construção de gênero, formato de se vestir a maneira como dividiam obrigações regulares entre eles. Em suma, ao elaborar o olhar crítico sobre o processo de colonização no Brasil e em todas as suas regiões é importante destacar o quão vivida ela permanece, a exemplo do contexto social de Guarabira desde o seu processo de colonização em específico até atualmente percebe-se empecilhos em construir a memória do indígena habitante desta localidade, fator esse amplamente construído desde o início colonial repercutindo até o século XXI, tornando presente a busca por uma memória de resistência.

REFERÊNCIAS

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O preço de uma reconciliação extorquida. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (organizadores). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 177-186.

LUCENA, Nébia. **Guarabira e sua história**. 2008. [Artigo]. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20-%20Nebia%20de%20Lucena%20Souto%20Marinho%20TC.PDF . Acesso em: 15 out. 2024.

MARCGRAVE, Georg. **Praefectuare de Paraíba, et Rio Grande de 1647**. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18309/praefecturae-de-paraiba-et-rio-grande>. Acesso em: 18 set. 2024.

MELO, Moacir Camelo de. **Itinerário histórico de Guarabira**..João Pessoa: Artgraf, 1999. 178 p.

NUNES, Nonato. **Guarabira 1603-1887: missão, vila e cidade**. 1.ed. Guarabira: Rousseau, 2015.

NÚÑNEZ, Geni Daniela Longhini. **Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2022.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3.ed. Rio de Janeiro: Grumim Edições, 2019.

SCHILLING, Flávia. A memória como resistência ou a resistência como construção da memória. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (Orgs.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 289-308.

SWAIN, Tânia Navarro. **A construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI**. Disponível em: <https://goo.gl/xqMPYH>. Acesso em 15 out. 2024.